



# Clipping Nacional

de

# EDUCAÇÃO

Brasília, 04 de Dezembro de 2019

## País completa década perdida no Pisa, e paralisia no MEC eleva preocupação



Priscila Cruz: atual governo traz perspectiva de queda para a próxima prova — Foto: SIMA Zamboni/Valor

*Aprendizagem dos estudantes brasileiros ficou estacionada em 2018, segundo avaliação internacional*

Por Hugo Passarelli — De São Paulo

A aprendizagem dos estudantes brasileiros ficou estacionada em 2018, completando uma década de estagnação pelos critérios do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), divulgado ontem pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

No ano passado, a nota brasileira em leitura garantiu a 57ª posição entre 77 países; em matemática, o 70º lugar entre 78; e em ciências, o 66º posto de 78 avaliações. A prova foi aplicada em 79 países e regiões, incluindo membros e associados da OCDE, mas nem todos os resultados foram considerados válidos.

O exame é realizado de três em três anos com jovens de 15 anos. Entre 2015 e 2018, o Brasil mostrou leve melhora numérica nas três avaliações, mas a OCDE diz que a variação não tem relevância estatística. Além disso, as notas brasileiras seguem abaixo da média dos membros da entidade.

A entidade destaca que, embora as notas dos países estejam na mesma escala, a diferença entre uma e outra nem sempre indica uma disparidade significativa de aprendizagem. Em leitura, por exemplo, o Brasil atingiu 413 pontos, acima da Colômbia (412) e abaixo da Jordânia (419) e da Malásia (415). A OCDE considera que a nota brasileira é equivalente às destes três países.

O avanço lento também preocupa em um momento em que especialistas questionam a eficácia das ações do Ministério da Educação (MEC) comandado por Abraham Weintraub. “Mantida a rota adotada pelo atual governo, o que poderemos verificar, pela primeira vez, é uma queda no Pisa de 2021”, estima Priscila Cruz, diretora-executiva e cofundadora do movimento Todos pela Educação.

Segundo a especialista, as medidas anunciadas por Weintraub destoam das melhores práticas já conhecidas. “A militarização das escolas e a perseguição de professores estão rigorosamente na contramão do que os primeiros colocados fazem”, afirma.

“Sem um projeto de longo prazo, que pense na valorização dos professores, na atratividade da carreira (marca de todos países do topo e dos latino-americanos que mais avançaram) e na formação





inicial e continuada dos profissionais é difícil ter boas expectativas”, diz Gregória Grisa, doutor em educação e professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS).

“Para isso precisaríamos de um MEC que participe mais do financiamento da educação básica, via ampliação da complementação do Fundeb, que coordene políticas com diretividade política e técnica, tudo que não vimos até agora”, completa.

Para Priscila, do Todos Pela Educação, é alarmante a falta de reação da sociedade em meio ao que classifica como uma gestão de protagonismo ideológico do MEC. “Essa violência que tem sido feita com o Brasil, contra a possibilidade de um país que possa crescer e distribuir renda, não tem sido debatida pelas elites do país”, observa.

A OCDE estabelece uma escala de proficiência de 1 a 6 para as três disciplinas e constatou que, no caso brasileiro, 43% dos avaliados ficaram abaixo do nível mínimo de conhecimentos nas três matérias. Na média da OCDE, o percentual é bastante inferior, de 13%. De modo inverso, apenas 2% dos alunos brasileiros ficaram no topo da escala de proficiência em ao menos uma matéria, contra uma média de 16% da OCDE.

O desempenho do Brasil no Pisa vem mostrando um aumento de desigualdade entre os alunos de diversos segmentos sociais, o que pode ser explicado pela recuperação das escolas particulares (veja reportagem abaixo).

Em 2018, os alunos com melhores condições socioeconômicas tiveram, na prova de leitura, nota superior em 97 pontos ante os mais vulneráveis. Em 2009, a diferença entre os dois extremos sociais era de 84 pontos.

“Esta desigualdade impacta a qualidade de vida e as economias local e global. Não há e não haverá desenvolvimento sustentável com tamanha desigualdade”, afirma Rosalina Maria Soares, assessora de pesquisa e avaliação da Fundação Roberto Marinho.

Ontem, o ministro da Educação atribuiu ao Partido dos Trabalhadores (PT) o baixo desempenho do Brasil. “O Pisa é de 2018, não tem relação com a gestão atual. Nem atribuiria ao [ex-presidente Michel] Temer, porque não deu tempo”, disse.

Há duas semanas, Weintraub também estimou que o Brasil ocuparia a lanterna da América Latina no Pisa 2018, o que não se confirmou. A nota brasileira de leitura no Pisa de 2018 foi de 413 pontos, acima das de Argentina (402), Peru (401), Panamá (377) e República Dominicana (340).

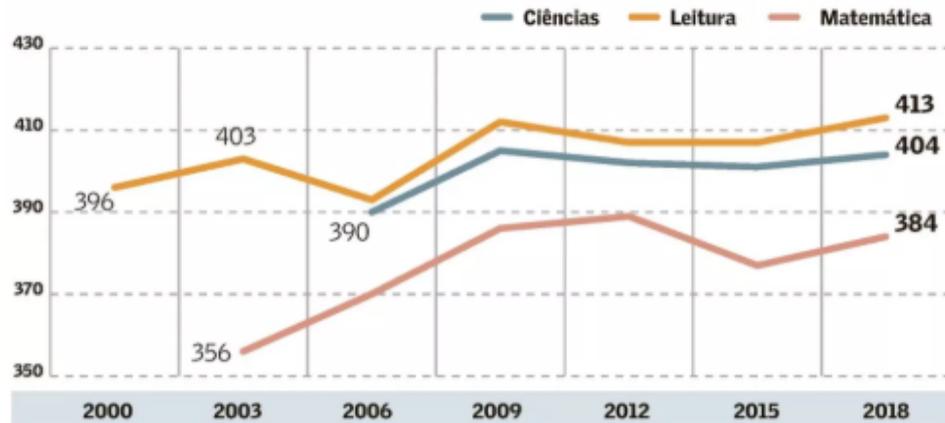
O Chile é o país da região com melhor desempenho. Em leitura, por exemplo, os estudantes chilenos obtiveram 452 pontos, o suficiente para garantir a 43ª posição, ainda assim inferior à média da OCDE, de 487 pontos.





## Evolução lenta

Veja as notas do Brasil no Pisa desde 2000



Fonte: Pisa 2018/OCDE

## Na lanterna

Brasileiros seguem no pelotão final

Posição	País	Nota
<b>Leitura</b>		
1	China*	555
2	Cingapura	549
3	Macau (China)	525
4	Hong Kong (China)	524
5	Estônia	523
	MÉDIA OCDE	487
43	Chile	452
57	Brasil	413
63	Argentina	402
64	Peru	401
77	Filipinas	340





<b>Matemática</b>		
<b>1</b>	China*	591
<b>2</b>	Cingapura	569
<b>3</b>	Macau (China)	558
<b>4</b>	Hong Kong (China)	551
<b>5</b>	Taipé Chinesa	531
	MÉDIA OCDE	489
<b>59</b>	Chile	417
<b>64</b>	Peru	400
<b>70</b>	<b>Brasil</b>	<b>384</b>
<b>71</b>	Argentina	379
<b>78</b>	Rep. Dominicana	325

<b>Ciências</b>		
<b>1</b>	China*	590
<b>2</b>	Cingapura	551
<b>3</b>	Macau (China)	544
<b>4</b>	Estônia	530
<b>5</b>	Japão	529
	MÉDIA OCDE	489
<b>46</b>	Chile	444
<b>64</b>	Peru	404
<b>65</b>	Argentina	404
<b>66</b>	<b>Brasil</b>	<b>404</b>
<b>78</b>	República Dominicana	336

Fonte: Pisa 2018/OCDE

\*Pequim, Xangai, Jiangsu and Zhejiang

## **Escolas privadas ajudam a segurar nota brasileira**

*Notas da rede particular subiu, ao contrário do que ocorreu no ensino público*

As escolas particulares do Brasil tiveram desempenho melhor na edição de 2018 do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), o que ajudou a segurar a nota média do Brasil, mostra um levantamento da consultoria iDados elaborado para o Valor.

Entre 2015 e 2018, a pontuação das instituições privadas subiu de 461 para 476 em matemática; de 492 para 513 em leitura; e de 486 para 498 em ciências.

Na rede pública, as notas das três disciplinas caíram levemente. Em matemática, foram de 368 pontos para 367; em leitura, de 400 para 395; e em ciências, de 392 para 387, ainda de acordo com o estudo do iDados.

“O setor privado registrou um aumento até razoável, o que o colocou mais próximo ao patamar que registrava em 2009”, afirma João Batista Oliveira Jr., presidente do Instituto Alfa e Beto.

Segundo ele, isso explica por que houve aumento da desigualdade entre os alunos de diferente situação socioeconômica.

Apesar da recuperação das escolas particulares, Oliveira pondera que o desempenho destes alunos, supostamente os brasileiros mais bem preparados, continua muito próximo à média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), sobretudo nas avaliações de ciências e matemática.

Outro recorte do iDados a partir dos dados do Pisa ajuda a evidenciar a distância de nossas elites educacionais em comparação com as de outros países.

Levantamento da consultoria mostra que, no ano passado, os 5%

melhores brasileiros em matemática obtiveram uma nota média de 528 pontos.

É praticamente a mesma média do desempenho geral do Japão na disciplina (527 pontos), o sexto melhor do Pisa 2018. Os melhores alunos nipônicos, no entanto, computaram 629 pontos no ano passado.

O avanço da elite brasileira também é nulo ao longo dos anos na disciplina de matemática, de apenas 1 ponto desde 2003. Isso sugere que o baixo nível geral do ensino reduz os incentivos mesmo para aqueles que estão no topo.

No mesmo intervalo, de 2003 a 2018, os 5% piores brasileiros em matemática ampliaram a pontuação de 213 para 266, ou um aumento de 53 pontos. Foi o avanço mais expressivo entre os diversos estratos de desempenho, embora a faixa de proficiência desse grupo ainda seja a mais básica pelos critérios da OCDE.

## Posição do Brasil no Pisa preocupa mais com um MEC sem rumo

*Abraham Weintraub precisa enfrentar estagnação no ensino, em vez de travar guerras culturais*

Os resultados no mínimo sofríveis que alunos brasileiros do ensino médio costumam obter no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) espelham o árduo caminho que o país percorre para melhorar em um setor vital. Os números do mais recente teste, referente a 2018, divulgados ontem, reforçam esta questão.

Há um cenário de estagnação da qualidade do ensino em um nível baixo: em Leitura, os estudantes brasileiros tinham obtido 412 pontos no Pisa de 2009, caíram para 407 nos dois testes seguintes, 2012 e 2015, voltando agora aos 413; em Ciências, caíram de 405 para 404, passando por 402 e 401 nos dois anos intermediários; enquanto em Matemática, desafio também não superado no Pisa pelos brasileiros, a melhor pontuação foi conseguida em 2012 (389), retrocedendo para 384 em 2018, uma ligeira melhora em relação aos 377 de 2015.

O país anda de lado numa zona de desconforto. Deve-se reconhecer que já foi pior. Um sistema de metas pactuadas entre governos e organismos da sociedade, tendo como parâmetro índices obtidos no âmbito da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que congrega os países mais ricos,

é responsável pelo Pisa, indicam que não houve avanços no início do ensino fundamental, progresso que não se sustenta no final do ciclo e no ensino médio.

Fato raro na política brasileira, houve uma bem-vinda continuidade em políticas educacionais entre os períodos de governos tucanos e petistas, de 1995 a 2016. E com o vice de Dilma, afastada por impeachment, Michel Temer, foram lançadas a reforma do ensino médio —elo muito frágil no ensino básico —e a Base Nacional Comum Curricular, para haver um currículo único no país, sem impedir que as escolas abordem temas regionais.

Preocupa a lentidão do avanço educacional. Agora mais ainda, com o governo Bolsonaro, em que o Ministério da Educação (MEC) passou a ser instrumento da “guerra cultural” que a extrema direita bolsonarista trava contra inimigos.

O ministro Abraham Weintraub precisaria mobilizar os recursos do MEC para enfrentar este quadro de estagnação na evolução do aprendizado.

O país avançou com a universalização da matrícula no ensino fundamental, porém falta seguir em frente. Este último Pisa coloca o estudante brasileiro em 54º lugar em Leitura, numa relação de 79 países; 40% dos estudantes não identificam o sentido principal de textos, por exemplo. Há muito a fazer no MEC. Usá-lo em luta política é um crime contra o país.

# Pisa: 43% não sabem o mínimo das disciplinas

Desempenho do Brasil em avaliação mundial de leitura, matemática e ciências mostra estagnação desde 2009; especialistas defendem reformas estruturais, como mudanças na formação e na carreira do professor

BRUNO ALFANO  
[bruno.alfano@extra.inf.br](mailto:bruno.alfano@extra.inf.br)

**O** Brasil está estagnado há uma década entre os piores níveis de aprendizado avaliados pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa).

De acordo com o resultado do teste de 2018, divulgado ontem, 43% dos participantes brasileiros não aprenderam o mínimo necessário nas três áreas do conhecimento testadas: leitura, matemática e ciências. Neste quesito, a média dos países que formam a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é de apenas 13%.

Ao todo, 78 países e economias realizaram a avaliação. Como o teste foi feito em 2018, não inclui a gestão Jair Bolsonaro, que será avaliada na próxima edição, em 2021.

A média brasileira ficou em

413 no quesito Leitura (57º do mundo), 384 em Matemática (70º) e 404 em Ciências (64º). As notas são levemente mais altas do que o último resultado, de 2015, mas insuficientes para serem consideradas um avanço, segundo o relatório da OCDE.

“No Brasil, o desempenho médio em matemática melhorou no período 2003-2018, mas a maior parte dessa melhoria ocorreu até 2009. Depois, em matemática, como em leitura e em ciência, o desempenho médio ficou estável”, diz o texto da organização.

## ‘SEM SURPRESAS’

— Não houve surpresas, pois não houve nenhuma política implementada que pudesse alavancar os resultados de 2015 — avaliou José Francisco Soares, membro do Conselho Nacional da Educação (CNE) e ex-presidente do Inep (2014-2016).

A ex-diretora global de Educação do Banco Mundial Claudia Costin afirma que o Brasil já deu início a algumas das reformas que estão prestes a ser implementadas, como os currículos feitos por estados e municípios a partir da Base Nacional Comum Curricular. Ela aponta, porém, que é preciso realizar mudanças na formação e carreira do professor.

— Além dos salários, os contratos não podem ser fragmentados. Nenhuma profissão de ensino superior tem contrato de 16h — afirma Costin, que emenda: — Médico está desde o primeiro período com o pé no hospital. Na docência, a formação é predominantemente teórica. Isso tem que ser resolvido na formação.

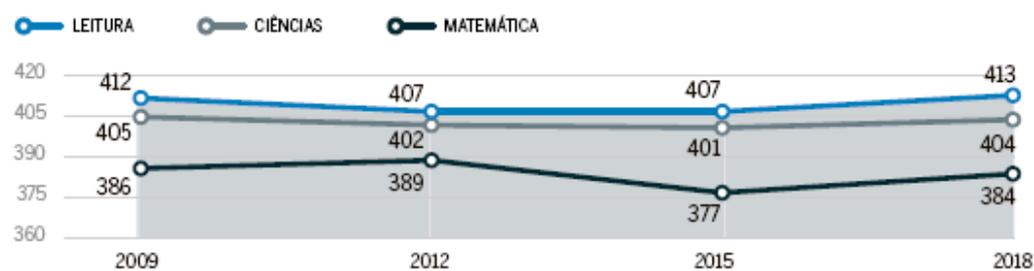
O Pisa foi aplicado em maio de 2018 a cerca de 600 mil jovens (10 mil brasileiros) de escolas públicas e privadas, com idades entre 15 e 16 anos.





## BRASIL FICA ESTAGNADO

País tem leve melhora em relação ao último resultado, mas dentro da margem



## PAÍS ESTÁ ENTRE OS PIORES AVALIADOS

RANKING POR PONTUAÇÃO EM 2018

### Leitura

1º	B-S-J-Z (China)*	555
2º	Singapura	549
3º	Macau (China)	525
4º	Hong Kong (China)	524
5º	Estônia	523
<b>Média da OCDE</b>		<b>487</b>
<b>57º</b>	<b>Brasil</b>	<b>413</b>

### Matemática

1º	B-S-J-Z (China)*	591
2º	Singapura	569
3º	Macau (China)	558
4º	Hong Kong (China)	551
5º	Taipé Chinesa	531
<b>Média da OCDE</b>		<b>489</b>
<b>70º</b>	<b>Brasil</b>	<b>384</b>

### Ciências

1º	B-S-J-Z (China)*	590
2º	Singapura	551
3º	Macau (China)	544
4º	Estônia	530
5º	Japão	529
<b>Média da OCDE</b>		<b>489</b>
<b>64º</b>	<b>Brasil</b>	<b>404</b>

Fonte: Pisa 2018

\*Beijing, Shanghai, Jiangsu e Guangdong

Editoria de Arte

## Não há fórmula mágica

*Países do topo têm baixa desigualdade no acesso às oportunidades, carreira docente atrativa e formação, universitária e em serviço, de alta qualidade*

ANTONIO GOIS  
antonio.gois@jeduca.org.br

A divulgação da sexta edição do Pisa traz poucas novidades em relação aos anos anteriores, mas consolida algumas conclusões que já estavam claras há algum tempo. Talvez a principal lição dos dados seja que, no curto prazo, não há milagre. Os países do topo são todos de alta renda per capita, de baixa desigualdade no acesso às oportunidades educacionais, onde a carreira docente é atrativa e a formação, universitária e em serviço, de alta qualidade.

Olhar para o exemplo dessas nações é importante, mas chega de vender ilusões. O Brasil, país de investimento por aluno significativamente menor e com população adulta com menor nível de renda e escolaridade em relação às nações desenvolvidas (fruto de nosso atraso histórico no setor) não estará tão cedo no topo do ranking,

mesmo que nossas políticas públicas caminhem na direção certa, o que, infelizmente, não é o caso.

Os resultados do Brasil são frustrantes pelo fato de terem ficado estagnados, depois de um aumento verificado entre 2003 e 2009, especialmente na prova de matemática. Nossa meta mais factível seria mirar o topo da América Latina, mas, mesmo assim, ficamos em posição intermediária: bem atrás de Chile, em patamar inferior também a Uruguai, Costa Rica e México; empatados com Colômbia, e um pouco à frente de Argentina e Peru. Panamá e República Dominicana, bem atrás dos demais, completamos países da região examinados.

A OCDE destaca ao menos um dado positivo do Brasil: a proporção de alunos matriculados em escolas cresceu desde que o exame passou a ser aplicado, em 2000, sem que as médias caíssem. Por outro lado, o mesmo dado revela que há um terço de alunos que não participaram do Pisa por estar, aos 15 anos, fora da escola ou muito atrasados. Se esses jovens fossem incluídos na prova, as médias seriam provavelmente menores, por se tratar de uma população mais vulnerável. Não

necessariamente cairíamos mais por causa disso, pois vale lembrar que outros países abaixo do Brasil no Pisa também enfrentam desafio semelhante.

Entre os dados mais negativos do país estão o fato de termos, entre as nações avaliadas, um dos piores indicadores de desigualdade entre escolas e de indisciplina dos alunos, fatores que fazem com que nosso desempenho seja inferior ao que poderia ser esperado.

A divulgação do Pisa costuma gerar sempre um exercício de autoflagelação e de simplificações grosseiras. Um dos erros mais comuns é repetir que temos um dos piores sistemas educacionais, quando, na verdade, a OCDE avalia apenas 78 nações ou territórios. A China, por exemplo, participa apenas com suas províncias mais ricas. Supor que países como Índia, Indonésia, Paquistão ou Nigéria — apenas para citar gigantes populacionais — estariam provavelmente em posição inferior à nossa, no entanto, não pode servir de desculpa ou consolo. Há um longo caminho a percorrer, e o Pisa, apesar de suas limitações, fornece algumas pistas. Mas não uma fórmula mágica.

## Aluno no Brasil falta mais e perde tempo de aula com bagunça

Angela Pinho

**SÃO PAULO** Alunos do Brasil faltam mais na escola e perdem mais tempo de aula por indisciplina do que a média dos países que participaram do Pisa, principal avaliação internacional da educação básica.

Além disso, demonstram ter menos confiança em sua capacidade, cooperam menos que os outros e têm visto aumentar casos de bullying, além de ter uma parcela maior de estudantes que se sentem “sempre tristes”.

As conclusões podem ser obtidas pelas respostas dos alunos no questionário que acompanha a prova. Aplicada pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) a cada três anos, ela avaliou em 2018 alunos de 15 anos de 79 países ou regiões.

O exame abrange as áreas de leitura, destaque do relatório deste ano, matemática e ciências.

Segundo o relatório, 41% dos alunos brasileiros relataram que nas aulas de linguagem (no caso, óbvio, o português), o professor tem que esperar longo tempo para os estudantes ficarem quietos. Eles alcançaram 19 pontos a menos na prova de leitura do que os estudantes que declararam que isso ou não acontece

nunca ou ocorre raramente.

A média de alunos dos países da OCDE que registraram a mesma constatação é de 26%.

O resultado contribuiu para que o Brasil fosse classificado como um dos países com pior clima disciplinar, ao lado de Argentina, Grécia e Espanha.

Outra disparidade do Brasil em relação aos países da OCDE são as faltas: metade dos alunos não foi algum dia à escola nas duas semanas anteriores ao Pisa. A média da organização é menos da metade: 21%.

Por outro lado, o país se junta aos EUA e ao Reino Unido como um dos países em que há mais competição do que colaboração na escola, ao contrário de Alemanha, Dinamarca, Holanda e Japão.

A proporção de brasileiros que diz que seus colegas cooperam uns com os outros é de 62%, e a dos que dizem competir, de 57%. Ambas são maiores que as da média da OCDE.

Por outro lado, a parcela de alunos sem autoconfiança é maior. No Brasil, 77% acham que conseguem normalmente achar a saída para situações difíceis. Na OCDE, são 84%.

No recorte de gênero, é possível perceber que as meninas são, em geral, menos competitivas e mais motivadas que os meninos, segundo o relatório. E, embora tenham de-

sempenho superior em leitura e semelhante em ciência, a boa performance superior não impede que elas tenham mais medo de falhar, segundo as conclusões da avaliação.

Há outros indícios de piora no clima escolar. Considerando meninos e meninas, o relatório mostra que a satisfação dos adolescentes de 15 anos com a vida diminuiu no mundo, em média 0,3 ponto em escala de 0 a 10, e 0,5 ponto em países como Brasil, onde chegou a 7,05, EUA (6,75), Japão (6,18) e Reino Unido, que teve a queda mais drástica, de 0,81, caindo para 6,16.

A fatia de alunos brasileiros que declara se sentir sempre triste é mais que o dobro da média da OCDE: 13% do total, contra 6%, só menor que as de Brunei, Macau e Malásia.

O índice de pessoas que sofre bullying também cresceu no Brasil, assim como na Colômbia e na República Dominicana. Os alunos que disseram sofrer a prática algumas vezes por mês foram de 17,5%, em 2015, para 29% em 2018.

Nem tudo, porém, são más notícias: 83% dos alunos brasileiros relataram que seu professor demonstra satisfação em lecionar, mais do que a média de 74%. O interesse do educador está relacionado a maiores notas no mundo todo.

## Weintraub chama resultado do Pisa de tragédia e culpa integralmente o PT

Ricardo Della Coletta

**BRASÍLIA** O ministro da Educação, Abraham Weintraub, classificou nesta terça (3) o desempenho do Brasil no Pisa de “tragédia” e atribuiu a culpa “integralmente ao PT”.

Divulgado nesta terça, o Pisa aplicado em 2018 mostrou

estagnação do Brasil nos indicadores de educação por quase dez anos. “Estamos estagnados desde 2009, não houve progresso. Estatisticamente estamos de lado, a despeito do aumento dos recursos que foram investidos. Porque a técnica e o formato que estávamos fazendo são ruins.

Este governo não tem nada a ver com este Pisa”, declarou.

“Sim, [o Pisa é] integralmente culpa do PT, integralmente culpa dessa doutrinação esquerdófila sem compromisso com o ensino”, disse Weintraub, que eximiu o ex-presidente Michel Temer (MDB) de responsabilidades.

Aplicado pela OCDE a cada três anos, o Pisa avaliou em 2018 alunos de 15 anos de 79 países ou regiões. O Brasil ficou em 42º em leitura —habilidade que foi foco da avaliação em 2018—, 58º em matemática e 53º em ciências.

Em novembro, Weintraub disse que o Brasil figuraria em último na América do Sul. A previsão não se concretizou: exceto pelo ranking de ciências, em que está empatado com Argentina e Peru, o Brasil está à frente da Argentina em matemática e de Argentina, Colômbia e Peru em leitura.





Weintraub ainda criticou a cobertura da imprensa e negou que tenha errado na previsão. “Não errei, vai ser liberado o material. Mas é uma vergonha essa quantidade de fake news. São 79 países avaliados em três áreas: o Brasil ficou, na América do Sul, no último lugar em matemática. A Argentina ficou empatadinha ali, mas empatada em último.”

Weintraub defendeu a política de alfabetização, o projeto de expansão do acesso à internet em escolas públicas e o ensino em tempo integral, além do Future-se (voltado ao financiamento privado das universidades federais e parcerias com organizações sociais).

O ex-ministro da Educação Aloizio Mercadante, titular da pasta no governo Dilma Rousseff (PT) rebateu as declarações de Weintraub e afirmou que o governo Bolsonaro promove “uma guerra ideológica obscurantista”.

## Os números do Pisa

Apesar de não ter sido o país latino com pior desempenho no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), como o ministro da Educação vinha prevendo desde o mês passado, o Brasil mais uma vez mostrou que se encontra praticamente estagnado em matéria de qualidade de ensino.

Ainda que a nota dos estudantes brasileiros com idade de 15 anos tenha apresentado pequena melhora na mais importante avaliação da educação básica do mundo, 4 em cada 10 adolescentes não conseguem identificar a ideia central de um texto, ler gráficos, resolver problemas com números inteiros e entender experiências científicas simples.

Aplicado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a cada três anos, o Pisa avaliou mais de 600 mil alunos de 79 países e deu ênfase à leitura em sua última edição, realizada em 2018. Do total de alunos avaliados, 17,5 mil foram brasileiros, sendo a maioria matriculada em escolas públicas. A prova, que também inclui matemática e ciência, tem questões abertas e de múltipla escolha e é feita por computador. Nesta edição, além disso, a OCDE passou a medir as habilidades dos estudantes de analisar, avaliar e checar a veracidade do que está escrito e identificar as fontes e o que o autor pretendeu expressar.

Em leitura, o Brasil ficou em 54.º lugar no ranking. Segundo a avaliação, 10% dos jovens no mundo conseguem diferenciar fato de opinião ao ler um texto, habilidade classificada como complexa pela OCDE. No Brasil, são 2% e, nesse grupo, não há jovens de baixa renda. Do total de estudantes brasileiros avaliados, só 26,7% entendem o significado literal de frases ou passagens curtas.

A pior posição do Brasil foi em matemática, tendo ficado na 70.ª colocação. Do total de estudantes brasileiros avaliados, apenas 32% estão no nível considerado básico ou acima dele – no máximo, conseguem comparar distâncias entre duas rotas ou converter preços em diferentes moedas. Na China, 16%

dos estudantes estão no nível mais alto da disciplina, com raciocínio matemático considerado avançado. Entre os países da OCDE, só 2,4% chegam a esse patamar.

Já em ciência, apesar de uma melhora considerada pela OCDE como estatisticamente irrelevante, o Brasil ficou na 66.ª colocação entre 79 países. Segundo o Pisa, apenas 1% dos estudantes brasileiros atingiu os maiores níveis de desempenho, dominando conceitos científicos sobre vida e espaço e detendo conhecimentos superiores ao que se espera no currículo para a faixa etária de 15 anos.

Desde que o Pisa foi aplicado pela primeira vez, o Brasil sempre esteve abaixo da média dos países participantes, a maioria deles desenvolvidos. Entre 2000 e 2010, o País destacou-se por ser um dos que mais avançaram na nota de matemática. Nos anos seguintes, porém, os resultados se estagnaram por causa, entre outros problemas, de mudanças abruptas da política educacional, determinadas mais por razões políticas do que pedagógicas. Esse é um ponto fundamental, pois os países que estão no topo do ranking do Pisa são, justamente, os que mantêm a continuidade de sua política há anos e usam os resultados do Pisa para aperfeiçoá-la.

Essa é a lição a ser tirada da última edição do Pisa. Infelizmente, ela ainda não foi aprendida pelas autoridades educacionais do governo Bolsonaro, cuja atuação no setor, com quase um ano de mandato, tem sido desastrosa. Além de não ter convertido a qualidade do ensino básico em prioridade, ele tem se revelado incapaz de promover uma articulação entre o MEC e as Secretarias de Educação estaduais.

Em vez perder tempo discutindo ideologia e religião no ensino básico, o governo deveria se inspirar na experiência dos países que lideram o ranking do Pisa. Se não sair da inércia em que se encontra, estará sacrificando a formação das novas gerações e impedindo o País de formar o capital humano de que precisa para voltar a crescer.

---

**EDUCAÇÃO****Resultados do Pisa**

O Brasil tem aproximadamente 19 mil escolas estaduais e municipais de ensino médio. Cerca de 800 delas, espalhadas por todas as unidades da Federação, funcionam satisfatoriamente, em grande parte porque a gestão é adequada. A menor unidade de gestão educacional é a direção. O diretor é fator essencial do êxito mencionado. Portanto, dentre as dezenas de imperiosas medidas a serem adotadas – valorização do professor, motivação dos alunos, enfim, o ser humano em primeiro lugar – para melhorar o vergonhoso resultado constatado na avaliação do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, o Pisa, uma única pode ter impacto transformador: o fomento e estímulo à direção das escolas. Treinamento continuado, avaliação periódica e premiação financeira dos diretores são medidas

simples, objetivas, viáveis e eficazes. E o que é fundamental e surpreendente, os resultados podem ser obtidos em curto prazo (até três anos). As cogitações aqui expostas se aplicam à totalidade das escolas do ensino básico brasileiro (mais de 180 mil). E de quem é a responsabilidade pela adoção das ações requeridas? Do ministro e dos secretários de Educação, dos governadores, dos prefeitos e dos próprios diretores. Ou, quem sabe, de algum líder iluminado com iniciativa para desencadear o processo e disposição para vencer os outros de que educação é a prioridade fundamental, até, se necessário, em detrimento dos demais campos da administração pública. É responsabilidade também dos cidadãos eleitores, que na hora de votar deveriam escolher quem demonstre rigoroso compromisso com a educação como prioridade.

**ALÉSSIO RIBEIRO SOUTO**[souto49@yahoo.com](mailto:souto49@yahoo.com)

Brasília

## Pisa expõe abismo entre rede pública e particular

*Colégios privados estariam no topo do ranking; no geral, País evoluiu pouco*

Renata Cafardo Isabela Palhares

Dados do ranking mundial do Pisa, divulgados ontem, colocariam a nota em Leitura das escolas particulares do Brasil na 11.<sup>a</sup> posição, acima de países como a Suécia. As instituições privadas de elite ficariam na 5.<sup>a</sup> colocação, à frente do Canadá. Já os colégios públicos estariam na 65.<sup>a</sup> posição, entre 79. No geral, o País evoluiu pouco.

A nota de escolas particulares de elite do Brasil colocaria o País na 5.<sup>a</sup> posição do ranking mundial de leitura do Pisa, ao lado da Estônia, que tem o melhor desempenho da Europa. Já o resultado isolado de escolas públicas estaria 60 posições abaixo, na 65.<sup>a</sup> entre 79 países. Obtida com exclusividade pelo 'Estado', a tabulação foi feita pelo Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede), instituto que pesquisa dados de educação.

A avaliação internacional feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) foi divulgada ontem, em Paris. A nota geral do Brasil está entre as mais baixas do mundo nas três áreas avaliadas,

Leitura, Matemática e Ciência. Quase metade dos estudantes não chega nem ao nível básico em nenhuma delas. "Como o País vai muito mal em educação, as pessoas tendem a colocar tudo no mesmo bolo, mas os resultados são bem diferentes na rede privada, com uma desigualdade enorme", diz o diretor do Iede, Ernesto Faria.

A pesquisa mostra que o desempenho das escolas particulares de elite em Matemática é bem pior do que em Leitura, na 30.<sup>a</sup> colocação, mas na média dos países da OCDE (mais desenvolvidos e ricos). O Brasil está na 70.<sup>a</sup> colocação.

Por escolas de elite, o estudo considerou aquelas cujos alunos têm nível socioeconômico alto (o que considera renda/bens, ocupação, escolaridade dos pais) igual ou maior do que o registrado em países da OCDE. Em Ciências, esses alunos ficam na 12.<sup>a</sup> posição, ao lado da Nova Zelândia e acima do Reino Unido e da Alemanha.

Apesar de o Colégio Santa Cruz, na zona oeste paulistana, fazer parte da elite do ensino brasileiro no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o diretor Fabio Aidar diz não ver motivo para festa. "A desigualdade que temos no País não nos permite comemorar. É lamentável que exista

um abismo tão grande entre estudantes." Segundo ele, uma forma de o colégio tentar minimizar o problema é oferecer cursos de formação continuada a professores das redes estadual e municipal.

**Rede.** O estudo também tabulou o resultado de todas as escolas particulares e não apenas das consideradas de elite. O desempenho delas em Leitura colocaria o Brasil na 11.<sup>a</sup> colocação, acima da Suécia, e em 23.<sup>a</sup> em Ciência, empatado com a Suíça. Matemática, mais uma vez, tem um resultado pior: 38.<sup>a</sup> colocação. O Pisa considerou uma amostra de 10.691 estudantes de 15 anos, que fizeram a prova em 2018. Desses, 1.381 eram de escolas privadas de todo o País.

Há desigualdade até mesmo dentro da rede pública. Alunos de escolas estaduais brasileiras tiveram nota em Leitura de 404 pontos, o que os deixaria ao lado da Bósnia, na 62.<sup>a</sup> posição. Já os das federais estão no topo, na 16.<sup>a</sup> colocação.

O Nordeste, por exemplo, que tem a média geral mais baixa das regiões do País, é ao mesmo tempo o que apresenta escolas federais com o maior desempenho em Leitura, de 519. Entre as escolas municipais nordestinas, a média cai para 316 pontos – inferior à análise das





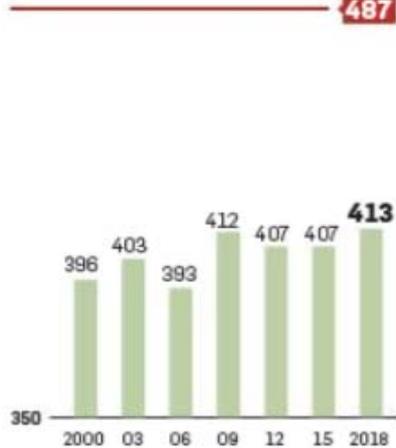
## LEVANTAMENTO

● Dados do Pisa mostram pequeno avanço do Brasil e abismo entre as redes de ensino

### Notas do País

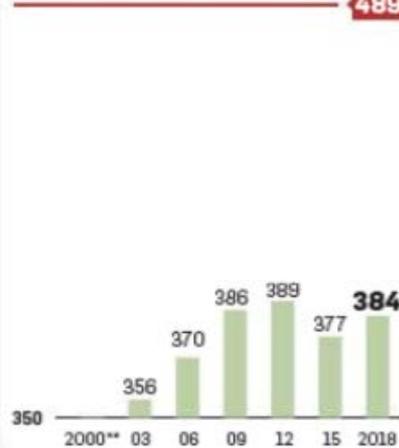
Leitura

MÉDIA  
OCDE\*  
**487**



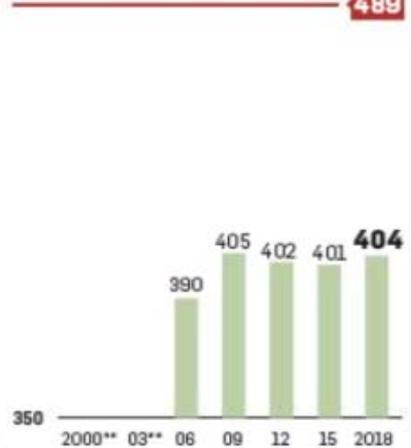
Matemática

MÉDIA  
OCDE\*  
**489**



Ciência

MÉDIA  
OCDE\*  
**489**



\*MÉDIA DOS PAÍSES MEMBROS DA OCDE \*\*NÃO FOI AVALIADO NESSE ANO

Fonte: INPEC e INED/IBGE

Filipinas, última colocada do ranking. Já entre as escolas particulares, as melhores estão no Centro-Oeste, com nota 541, que as deixaria em 3.º lugar do mundo.

Receita. Especialistas em educação explicam que os países que hoje têm as notas altas na prova foram os que investiram na melhoria do ensino dos mais pobres. O que, segundo eles, ainda não existe no Brasil. “Para aumentar a performance de um País, é preciso investir na base, pensar em políticas e estratégias para que os mais vulneráveis aprendam. Não adianta fazer com que os poucos que estão no topo melhorem”, diz Ricardo Henriques, superintendente do Instituto Unibanco.

“As famílias precisam ter consciência de que educar não é pôr o filho na escola apenas, não basta

estar matriculado. É preciso cobrar qualidade, que eles aprendam. Nesses países existe esse respeito pela educação”, completa o diretor da Fundação Lemann, Denis Mizne. Por outro lado, diz, o País precisa ter uma política educacional com foco no currículo, que selecione os melhores para serem professores.

Para especialistas, o governo Bolsonaro não tem contribuído para melhorar a atual situação. O programa de escolas cívico-militares, defendido ontem pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub, vai ser implementado só em 54 escolas. “É mais uma política que concentra investimentos para fortalecer o topo”, diz Henriques. Ontem, ao anunciar os dados do Pisa, Weintraub considerou o desempenho do Brasil na prova “uma tragédia” e culpou gestões passadas.





## Dados de Letura no mundo

### NOTA DE CADA REGIÃO E DAS REDES DE ENSINO DO BRASIL

Posição	Nota
1ª China*	555
2ª Cingapura	549
3ª Macau (China)	525
4ª Hong Kong (China)	524
5ª Estônia	523
<b>Rede privada de elite</b>	<b>523</b>
6ª Canadá	520
7ª Finlândia	520
8ª Irlanda	518
9ª Coreia do Sul	514
10ª Polônia	512
<b>Rede privada geral</b>	<b>510</b>
11ª Suécia	506
12ª Nova Zelândia	506
13ª Estados Unidos	505
14ª Reino Unido	504
15ª Japão	504
16ª Austrália	503
17ª Taiwan	503
18ª Dinamarca	501
19ª Noruega	499
20ª Alemanha	498
21ª Eslovênia	495
22ª Bélgica	493
23ª França	493
24ª Portugal	492
25ª República Tcheca	490
<b>OCDE</b>	<b>487</b>
26ª Holanda	485
27ª Áustria	484
28ª Suíça	484
29ª Croácia	479
30ª Letônia	479
31ª Rússia	479
32ª Itália	478
33ª Hungria	478
34ª Lituânia	476
35ª Islândia	474
36ª Bielorrússia	474
37ª Israel	470
38ª Luxemburgo	470
39ª Ucrânia	466

ACIMA

ABAIXO

40ª Turquia	466
41ª Eslovênia	458
42ª Grécia	457
43ª Chile	452
44ª Malta	448
45ª Sérvia	439
<b>Região Sul</b>	<b>432</b>
46ª Emirados Árabes U.	432
47ª Romênia	428
48ª Uruguai	427
49ª Costa Rica	426
<b>Região Centro-Oeste</b>	<b>425</b>
50ª Chipre	424
51ª Moldávia	424
<b>Região Sudeste</b>	<b>424</b>
52ª Montenegro	421
53ª México	420
54ª Bulgária	420
55ª Jordânia	419
56ª Malásia	415
<b>57ª Brasil</b>	<b>413</b>
58ª Colômbia	412
59ª Brunei	408
60ª Catar	407
61ª Albânia	405
62ª Bósnia e Herzegovina	403
63ª Argentina	402
64ª Peru	401
65ª Arábia Saudita	399
<b>Rede pública</b>	<b>395</b>
66ª Tailândia	393
67ª Macedônia do Norte	393
<b>Região Norte</b>	<b>392</b>
68ª Baku (Azerbaijão)	389
<b>Região Nordeste</b>	<b>389</b>
69ª Cazaquistão	387
70ª Geórgia	380
71ª Panamá	377
72ª Indonésia	371
73ª Marrocos	359
74ª Líbano	353
75ª Kosovo	353
76ª República Dominicana	342
77ª Filipinas	340
Espanha (não divulgado)	

Infere-se a Pequim, Xangai, Tiansu e Zhejiang

---

**TRÊS PERGUNTAS PARA...**

---

**Mauro Aguiar**, diretor do Colégio Bandeirantes

**1** Como você analisa o desempenho das escolas de elite no Pisa?

É um resultado esperado, o colégio mesmo já havia feito a prova e ficado acima do Japão, por exemplo. Mas é um resultado triste porque nós somos 1% do País. A gente vive em uma bolha pequena, com uma elite intelectual de primeiríssima linha, mas muitos deles estão indo embora para o exterior. Hoje, o maior concorrente das escolas de elite é o exterior. Os pais querem ir embora do Brasil. Precisamos resolver a questão pública, principalmente nas escolas estaduais.

**2** O que teria de mudar nas escolas públicas?

A formação de professores precisa ser voltada para a prática, é preciso mudar a

forma de remuneração dos professores, não pode haver promoções automáticas só porque fizeram um curso qualquer. Isso precisa ser ligado à sala de aula, com foco no aluno. É preciso pagar melhor, mas também fazer o professor de escola pública trabalhar. Não é possível um aluno ter três aulas por dia porque o professor tem a garantia por lei de faltar sem dar explicações. Estão fazendo um genocídio com essas crianças.

**3** E com relação às famílias, o que fazer?

Nós somos privilegiados porque nossos alunos têm nível econômico alto e é crucial no desempenho. Mas todas as famílias têm de cobrar como fazem as de escola privada. Imagina você pagar e o professor não aparecer? /R.C.

---

## 3 em cada 10 alunos dizem sofrer bullying no colégio

Três em cada dez alunos de 15 anos no Brasil afirmam sofrer bullying “algumas vezes ao mês”, segundo dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês). Os jovens brasileiros são alvo desse tipo de violência com mais frequência e em mais formas do que a média dos países-membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Desde 2015, os organizadores do Pisa perguntam aos alunos sobre experiências de bullying (o que pode envolver intimidações físicas ou verbais) no ambiente escolar. Entre os países da organização, 22,3% relatam sofrer bullying com frequência.

A proporção de estudantes brasileiros que sofrem as diferentes formas de bullying é maior do que a média. No Brasil, 16% relatam ter

sido alvo de agressões verbais, 10% dizem ter sido ameaçados, 12% afirmam ter seus pertences roubados ou destruídos e 9% dizem ter sido agredidos fisicamente – na média da organização, os percentuais foram 13%, 5,5%, 6% e 7%, respectivamente.

“Esse comportamento violento pode ter consequências físicas e emocionais no longo prazo”, diz o relatório, que destaca pesquisas que mostram haver maior abandono escolar entre quem sofre e quem comete bullying. Os meninos tendem a estar mais envolvidos em situações de violência escolar, tanto como vítimas como agressores.

“Professores e diretores não devem apenas ser capazes de reconhecer quando o bullying acontece, mas criar atmosfera menos propensa para que ele ocorra”, diz o relatório.

# ANÁLISE

## Para avançar, deve-se investir no professor

PRISCILA CRUZ  
JOÃO MARCELO BORGES  
OLAVO NOGUEIRA FILHO

Para avançarmos com muito mais vigor e consistência ao longo dos próximos anos, precisaremos colocar em prática uma dupla tarefa: uma agenda política, que dê centralidade à educação como estratégia de país; e uma agenda técnica, referenciada nas evidências de políticas públicas de maior sucesso. A saber, o maior determinante do sucesso dos países bem-sucedidos é o investimento nos professores: atratividade para a docência; excelência na formação; carreira estimulante e com cobrança de resultados, com melhores condições de trabalho; e apoio pedagógico constante. Claro que

não basta apenas investir em políticas docentes.

Mas, sem elas, nenhuma medida surtirá resultados suficientes para mudar a educação brasileira de patamar. O Brasil deveria se inspirar na experiência de sucesso de outros países e implementar reformas que tenham como pilar mais importante a profissionalização da carreira do professor.

*PRISCILA CRUZ É  
PRESIDENTE EXECUTIVA DO  
TODOS PELA EDUCAÇÃO;*

*JOÃO MARCELO BORGES É  
DIRETOR DE ESTRATÉGIA  
POLÍTICA E*

*OLAVO NOGUEIRA FILHO É  
DIRETOR DE POLÍTICAS  
EDUCACIONAIS*

## EDUCAÇÃO »

## Pisa expõe mazelas do ensino no Brasil



*"(O Pisa é) integralmente culpa dessa doutrinação esquerdófila sem compromisso com o ensino, que quer discutir sexualidade e não quer ensinar a ler e escrever"*

**Abraham Weintraub**, ministro da Educação

*Exame internacional aplicado a estudantes do ensino fundamental deixa o país nas últimas colocações entre uma lista de 79 nações. Maioria dos jovens brasileiros tem dificuldade para interpretar textos e resolver problemas matemáticos. Ministro culpa o PT*

Augusto Fernandes  
Catarina Loiola\*

Mais de 50% dos jovens brasileiros com 15 anos de idade têm dificuldades para ler e assimilar o conteúdo de um texto. Ao mesmo tempo, dois terços não sabem

interpretar uma questão matemática e resolvê-la. Os números, que fazem parte do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), referência mundial, escancaram os problemas do sistema de educação básica do Brasil que, em 2018, foi um dos 25 piores dentre 79 nações avaliadas pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A prova, aplicada a cada três anos a estudantes de todo o mundo matriculados a partir do 7º ano do ensino fundamental, mediu o desempenho de 10.691 alunos brasileiros em leitura, matemática e ciências. Segundo os resultados,

43,2% dos adolescentes de 15 anos no país sabem menos que o básico em todos os componentes. Em contrapartida, apenas 2,5% dos estudantes alcançaram níveis altos de proficiência em pelo menos uma disciplina.

Apesar de ter demonstrado uma pequena evolução em comparação ao exame de 2015, o Brasil acumulou resultados inferiores à média dos países da OCDE. No ano passado, o país registrou 413 pontos em leitura; 384, em matemática; e 404, em ciências. Enquanto isso, a média dos 37 países da OCDE foi de 487, 489 e 489 pontos, respectivamente. A distância do Brasil para a China, nação melhor avaliada no ranking, é gritante: no Pisa de 2018, os asiáticos alcançaram 555, 591 e 590 pontos, na sequência.

Dos países latino-americanos que aplicaram o teste, Chile, México, Uruguai e Costa Rica superaram o Brasil nos três quesitos. A Colômbia obteve resultados melhores em matemática e ciências, enquanto o Peru venceu o Brasil apenas em matemática. Os demais — Argentina, Panamá e República Dominicana — tiveram notas inferiores às dos estudantes brasileiros.

#### Doutrinação

Segundo o ministro da Educação, Abraham Weintraub, os resultados são “integralmente culpa do PT” e “na média” são “uma tragédia”. “(O





Pisa é) integralmente culpa dessa doutrinação esquerdófila sem compromisso com o ensino, que quer discutir sexualidade e não quer ensinar a ler e escrever”, atacou. O ministro defendeu que o Brasil depende de um trabalho em conjunto com estados e municípios para sair da estagnação, e alertou que “estamos com o mesmo desempenho, estatisticamente, de 2009”.

Para Alexandre Lopes, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), as políticas adotadas nos últimos anos não surtiram efeitos suficientes para garantir resultados nas avaliações do Pisa. “A gente está andando de lado, não está evoluindo. É difícil piorar, porque a gente já está no final da tabela”, disse.

As estatísticas reveladas pelo sistema de avaliação demonstram falhas no processo de alfabetização dos brasileiros, criticou o presidente

da Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep), Ademar Pereira. “De verdade, estamos ruins. Muitas escolas não ensinam os alunos a ler no 1º ano do ensino fundamental e os empurram para a série seguinte, sem que eles saibam decodificar quase nada. Mais à frente, isso resulta nos casos de abandono escolar”, comentou. “Não temos uma perspectiva muito boa. É necessário modificar os métodos de ensino, sobretudo para leitura, essencial para qualquer disciplina”, acrescentou Pereira.

Prova disso é a professora de português Denise França, 30 anos. Há uma década na profissão, ela garante que a maior dificuldade de seus alunos está relacionada à interpretação de texto. “A cada dia temos alunos que sabem tudo sobre redes sociais, mas não entendem o que estão lendo”, diz.

\*Estagiária sob a supervisão de Odail Figueiredo





## Mal na foto

Exame que mede conhecimento de alunos do ensino fundamental mostra deficiências do sistema educacional brasileiro

■ Desde 2009, foi a primeira vez que os resultados dos estudantes brasileiros nas três competências avaliadas cresceram simultaneamente. Apesar disso, as diferenças não foram tão relevantes, tanto que a OCDE alertou que a tendência para o futuro do Brasil é de estagnação;

■ O Brasil ocupa a 59ª posição entre 79 países;

■ No ano passado, 10.691 estudantes se submeteram ao teste no Brasil;

■ Apenas dois a cada 100 estudantes atingiram os melhores desempenhos em pelo menos um dos componentes avaliados;

■ Quatro a cada 10 jovens brasileiros não aprenderam o básico em nenhuma das disciplinas;

■ Metade dos alunos não atingiu o nível 2 de proficiência — o mínimo exigido pela OCDE —, em leitura. Esses estudantes não são capazes de entender o significado literal de frases ou passagens curtas, por exemplo;

■ As condições socioeconômicas dos estudantes foram determinantes para o desempenho do Brasil na avaliação. Em leitura, a diferença entre os jovens com nível alto e os com nível baixo foi de 97 pontos em leitura, o que equivale a quase três anos de estudo.





## RESULTADOS DO BRASIL NO PISA AO LONGO DOS ANOS

Edição	Leitura	Matemática	Ciências
2000	396	—	—
2003	403	356	—
2006	393	370	390
2009	412	386	405
2012	407	389	402
2015	407	377	401
2018	413	384	404
Média da OCDE (2018)	487	489	489

## DESEMPENHO POR REGIÃO EM CADA ÁREA DE CONHECIMENTO

Região	Leitura	Matemática	Ciências
Norte	392	366	384
Nordeste	389	363	383
Sul	432	401	419
Sudeste	424	392	414
Centro-Oeste	425	396	415

## PARTICIPAÇÃO E DESEMPENHO POR ESCOLA EM CADA ÁREA DE CONHECIMENTO

Tipo de escola	Participação	Leitura	Matemática	Ciências
Particular	15,6%	510	473	495
Federal	2,5%	503	469	491
Estadual	68,3%	404	374	395
Municipal	13,7%	330	314	330

## PROFICIÊNCIA DOS ESTUDANTES POR ÁREA DE CONHECIMENTO

Nível de proficiência	Leitura	Matemática	Ciências
Abaixo de 2	50,1%	68,1%	55,3%
2	24,5%	18,2%	25,3%
3	16,3%	9,3%	13,9%
4	7,4%	3,4%	4,6%
5	1,7%	0,8%	0,8%
6	0,2%	0,1%	0%

## Licitação suspeita

Renato Souza

A Controladoria-Geral da União (CGU) identificou uma série de irregularidades em uma licitação de R\$ 3 bilhões do Ministério da Educação para a compra de equipamentos de informática para escolas públicas de todo o país. De acordo com relatório da Advocacia-geral da União (AGU), que recomendou a suspensão do pregão eletrônico, o processo poderia gerar prejuízos milionários para os órgãos públicos. Entre as características suspeitas, está a previsão de compra de 117 computadores para cada aluno de uma unidade de ensino.

A licitação é de responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Após receber o parecer da AGU, o órgão cancelou a operação para readequação do edital. A compra dos equipamentos faz parte do Programa Educação Conectada, que pretende adquirir notebooks, lousas digitais e projetores para escolas dos estados e municípios. De acordo com informações do jornal O Globo, o relatório da CGU foi finalizado em outubro. O Ministério da Economia não teria sido consultado sobre a licitação, uma exigência para contratos com valores deste patamar.

De acordo com o relatório do CGU, algumas escolas receberiam um número de computadores maior que o de alunos. “O caso que mais chamou a atenção diz respeito à Escola Municipal Laura Queiroz, do município de Itabirito (MG), que registrou a demanda de 30.030 laptops educacionais, embora a escola só tenha 255 alunos (117,76 laptops por aluno)”, aponta trecho do documento.

Existem ainda indícios de que o processo de escolha estaria direcionado, por conta das especificações dos produtos encomendados, como a compra dos materiais por kits, sem a comprovação de que a compra por exemplar separado seria menos econômica.

Ao Correio, o FNDE informou que o processo de licitação foi “iniciado há duas gestões” e “foi suspenso preventivamente em 4 de setembro de 2019 pela nova gestão do FNDE, que assumiu a autarquia em 2 de setembro”. O Fundo ressaltou ainda que a CGU “apontou algumas inconsistências no levantamento dos quantitativos, que foram corroboradas pela própria equipe técnica do FNDE”. O órgão ressaltou a importância do programa Educação Conectada para melhorar a qualidade do ensino no país.

**Brasil continua levando uma “Pisa” de outros países**

Classificado entre os 20 piores países em educação para jovens, o Brasil, mais uma vez, teve um fraco desempenho no ranking mundial que avalia a performance dos estudantes na faixa de 15 anos, nas disciplinas de matemática, ciências e leitura. De acordo com dados fornecidos pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), realizado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), nosso país segue estagnado desde 2009 e com um desempenho abaixo do medíocre se comparado a outros estudantes de 79 países que também realizaram essas mesmas provas.

O mais interessante em avaliações desse tipo é que, por mais que as nossas autoridades busquem relativizar esse certame, ou mesmo desconsiderá-lo, como instrumento de aferição da qualidade de nossa educação, principalmente na área do ensino público, onde está a maior camada de brasileiros de baixa renda, não há como esconder ou minimizar o fato de que em matéria de educação e de ensino vamos seguindo aceleradamente ladeira abaixo, há pelo menos uma década.

Não é preciso, nesse caso particular, buscar os culpados diretos. O mais importante é aprender com seguidos erros e mudar as estratégias enquanto é tempo. Pelos resultados obtidos, ficamos sabendo que metade de nossos alunos que realizaram o teste não entendem o que leem nem, ao menos, sabem fazer contas simples com números inteiros. Pior do que isso

é saber que quatro em cada 10 estudantes brasileiros não aprendem nem o básico, não conseguem identificar a ideia principal de um texto, ler gráficos, resolver problemas simples ou mesmo entender experimentos científicos simples.

Na verdade, saímos dos últimos lugares nesse ranking para posições insignificantes pouco acima, à frente de países como Cazaquistão, Bósnia e Herzegovina que, nas últimas décadas, enfrentaram guerras devastadoras. Talvez o mais triste resultado dessa avaliação esteja na constatação de que o Brasil continua sendo um dos países mais desiguais em educação, seguindo a tradição de estar colocado também entre os campeões mundiais em desigualdade social e econômica, com uma das maiores concentrações de renda do planeta.

Por meio do Pisa, é possível constatar que na última década a diferença de performance entre alunos vem se aprofundando, impulsionada diretamente pela grande desigualdade socioeconômica. Para se ter uma ideia, em 2018 a diferença de pontuação entre alunos ricos e de baixa renda nas provas de leitura ficou em 97 pontos, quando a média internacional é 89 pontos. Para os especialistas nessa área, as condições socioeconômicas estão entre os fatores que mais influenciam o desempenho escolar.

Outro aspecto pouco edificante é a constatação de que o Brasil é o país com uma das menores variantes de mobilidade social entre todos as nações avaliadas. Pelo levantamento que é feito paralelamente ao Pisa,

tomamos conhecimento de que as chances de um aluno pobre estudar em uma escola de alto desempenho é de 13%, contra 20% em países como o Canadá ou Finlândia.

Essa desigualdade crônica em nosso país favorece que os alunos pobres a abandonem os estudos, descrentes da possibilidade de virem ingressar em uma faculdade. Há ainda a constatação de que os países com melhores desempenhos são justamente aqueles que mais investem em educação. Enquanto Macau, uma região autônoma da China, investe US\$ 150 mil ao ano per capita, o Brasil aparece com menos de US\$ 30 mil ao ano.

A frase que não foi pronunciada “Descobri que é fundamental buscar respostas quando o organismo não está agindo de forma correta. As pessoas precisam ir atrás de profissionais que realmente cuidem delas e que elas sintam que queiram ajudá-las.”

Michelle Munhoz, de 32 anos, que estava com um linfoma de Hodgkin durante a gravidez diagnosticado no Instituto Nacional de Câncer.

**Atenção**

» Muitas faixas de pedestres da cidade precisam de reforço na tinta. Seria muito bom a Secretaria de Obras e Infraestrutura reforçá-las nos fins de semana.

**Solidariedade**

» Vai até sexta-feira a adoção de cartinhas para o Papai Noel. No Senado, a parceria com os Correios





foi um sucesso. Todas as cartinhas já foram adotadas pelos funcionários.

#### Receios

» Desalojada pelo Festival de Cinema, a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro voltou para o teatro para os ensaios. Os bombeiros deram a licença. Mas a cena de um spot despencando no meio do palco anos atrás ainda deixa os músicos apreensivos.

#### Adiamento

» Depois do pedido de vistas de Paiva Martins, o processo entre a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF) e o Instituto Candango de Odisseia Solidariedade – ICS foi adiado. O caso trata da apuração de possível dano causado ao erário em decorrência de irregularidades na execução de um contrato de assistência médico-odontológica e reforço escolar para alunos da rede oficial de ensino do DF ocorrido em 2001.

#### História de Brasília

O Correio Braziliense e a TV-Brasília continuam sem telefones, quem tiver negócio conosco venha até aqui. Desculpas ao DTUI. (Publicado em 7/12/1961)



## Para ministro, Pisa mostra a ineficiência das gestões passadas

Estudantes brasileiros tiraram notas baixas em exame internacional

Por Pedro Peduzzi e Mariana Tokarnia - repórteres da Agência Brasil Brasília

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, disse hoje (3) que o desempenho abaixo do esperado do Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) é responsabilidade dos governos anteriores. “Estamos estagnados desde 2009, estatisticamente com o mesmo desempenho no Pisa”, argumentou o ministro em coletiva de imprensa. “O governo do PT construiu [ao lado do ministério] a lápide da educação, que é o mural do Paulo Freire. Ele representa esse fracasso absoluto”, acrescentou.

“Em matemática, o Brasil ficou em último lugar na América do Sul, empatado com

a Argentina. Em ciências ficou em último lugar, também da América do Sul, empatado com a Argentina e Peru. E em leitura ficamos à frente apenas de Argentina e Peru”, disse Weintraub. “É difícil piorar porque já estamos na parte de baixo da tabela”, complementou o presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Alexandre Lopes.

Divulgados hoje pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Pisa aponta que, em 2018, o Brasil teve uma leve melhora nas pontuações de leitura, matemática e ciências. No entanto, apenas dois a cada 100 estudantes atingiram os melhores desempenhos em pelo menos uma das disciplinas avaliadas.

Aplicado em 79 países a 600 mil estudantes de 15 anos,

o Pisa é referência mundial, em termos de avaliação dos estudantes. Na edição 2018, cerca de 10,7 mil estudantes de 638 escolas brasileiras fizeram as provas. O Brasil obteve, em média, 413 pontos em leitura, 384 pontos em matemática e 404 pontos em ciências. Na última avaliação, aplicada em 2015, o Brasil obteve, 407 em leitura, 377 em matemática e 401 em ciências.

Nesta edição, o desempenho na avaliação colocou o Brasil na 57ª posição, entre os 77 países e regiões com notas disponíveis em leitura; na 70ª posição em matemática; e na 64ª posição em ciências, junto com Peru e Argentina, em um ranking com 78 países. China e Singapura lideram os rankings das três disciplinas.

“Nosso objetivo é mudar isso. Vocês vão ver que o ponto de inflexão será 2019, graças à nova política nacional de





educação, aos treinamentos e capacitações que serão implementadas ano que vem, por meio da internet, e pela expansão do ensino em tempo integral”, disse Weintraub.

#### Ensino Técnico

As escolas técnicas também ajudarão o Brasil a melhorar seu desempenho nas próximas avaliações do Pisa, segundo Weintraub. “Cinquenta por cento dos jovens na Europa fazem ensino técnico. No Brasil, apenas 8%. O número caiu nos últimos anos, de 2 milhões para 1,8 milhão. Nós estamos aumentando para 3,4 milhões.”

O ministro destacou também o papel das escolas cívico militares para a melhora que ele prevê já no próximo levantamento em 2021. “O Brasil na média é uma tragédia, mas quando olhamos as escolas militares e cívico-militares, o Brasil está acima da média da OCDE.”

Por meio do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares: 54 escolas municipais e estaduais passarão, a partir da

volta às aulas de 2020, a ter um novo modelo de gestão, que será compartilhada por professores e militares aposentados. A proposta do ministério é melhorar a disciplina em sala de aula para que o docente possa se dedicar à aplicação do conteúdo programático. Com a medida, o MEC pretende reduzir a evasão escolar, enfrentar questões ligadas ao bullying e a todo tipo de violência, e, consequentemente, aumentar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Até 2023, a ministério esperar ter 216 escolas funcionando nesse modelo.

#### Leitura

O Pisa é aplicado de três em três anos e, a cada edição, a ênfase é em uma das disciplinas. Nesta edição, o foco é em leitura. Em 2009, último ano, em que o foco foi em leitura, o Brasil obteve 412 pontos. De acordo com a OCDE, o Brasil não apresentou grandes saltos desde esse ano. “Depois de 2009, na matemática, assim

como na leitura e na ciência, o desempenho médio pareceu flutuar em torno de uma tendência estável”, diz o relatório.

No Brasil, metade dos estudantes obteve pelo menos o nível 2 em leitura. Isso significa que esses estudantes são capazes de identificar a ideia principal de um texto de tamanho moderado e que podem refletir sobre o objetivo e a forma dos textos quando recebem instruções explícitas. Entre os países da OCDE, em média, 77% dos estudantes obtiveram esse desempenho.

Já os estudantes que obtiveram as melhores notas em leitura, que no Brasil representam apenas 2%, são capazes de compreender textos longos, lidar com conceitos abstratos e estabelecer distinções entre fato e opinião, com base em pistas implícitas relativas ao conteúdo ou fonte das informações. Entre os países da OCDE, 9% dos estudantes estão nos melhores níveis.



## Inovação pedagógica está em estado básico no país, avalia instituto

*Estudo está disponível para receber contribuições da sociedade*

Por Letycia Bond - Repórter da Agência Brasil São Paulo

De forma geral, tanto em escolas privadas como na rede pública de ensino, o que se constata é que a inovação pedagógica se apresenta em estágio básico, em termos de incorporação de tecnologia. É o que conclui a pesquisa Avaliação das Práticas Educacionais Inovadoras (Apei) 50, divulgada hoje (3), pelo Instituto Crescer.

O nome do levantamento faz alusão aos 50 indicadores, com pontuação de 0 a 4, que permitiram avaliar, com amplitude, aspectos inerentes ao ambiente escolar. Trata-se de um conjunto de questões que variam da disposição dos professores em incorporar recursos tecnológicos às aulas à inclinação dos estudantes de

pedir ajuda a eles, ao se deparar com situações potencialmente perigosas na internet. Ao todo, foram ouvidos 5.411 professores, provenientes de 317 escolas espalhadas pelo país.

Os responsáveis pelo estudo, que agora está aberto a contribuições da sociedade e que deve ser apresentado ao Ministério da Educação (MEC), destacam informações que demonstram assimetrias entre os colégios particulares e públicos. Um exemplo é o nível de autonomia para uso da internet para fins pedagógicos, que, na rede privada obteve a pontuação de 3,2 e na rede pública, de 1,92.

Estabelecer como tarefa de casa que os alunos coletem informações da internet, a fim de escrever artigos é algo bastante comum, atualmente. Como no mundo offline a atividade envolvia, exclusivamente, uma busca em

livros, o ideal seria que os professores orientassem os alunos sobre a forma correta de pesquisarem aquilo que desejam em websites. Isso estimularia a recorrer a sítios eletrônicos confiáveis, a identificar fake news e a compreender o que significa plágio de conteúdo.

O estudo do instituto, porém, mostra que somente parte das turmas está recebendo essa orientação sobre metodologia de pesquisa na internet. Entre escolas públicas, a média foi de 1,65, classificada como básica. Já as escolas particulares atingiram uma média de 2,55, considerada de nível intermediário.

Steam

Segundo a idealizadora da pesquisa, Luciana Allan, a abordagem é "agnóstica", no sentido de não priorizar a recomendação de uma tecnologia em detrimento de





outra, mas sim entender que cada turma e instituição poderiam se beneficiar de algo específico, conforme suas demandas. Alguns indicadores, diz ela, ajudam a explicar, inclusive, a realidade exposta através do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), cujos resultados foram divulgados hoje, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Para a o instituto, uma política que poderia servir para melhorar o desempenho dos alunos nas disciplinas de exatas é a chamada STEAM. De acordo com o Instituto Crescer, apenas 11,6% dos professores declararam envolver alunos em projetos STEAM (Ciências, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática), em que eles têm a oportunidade de construir objetos com material concreto e digital. Nas escolas públicas, a proporção é de 5%. Quando se considera a

parcela que o faz às vezes, as porcentagens são de 25,9% e 21,6%.

A diretora técnica do instituto também pontua que não existe, ainda, uma cultura de os estudantes formarem comunidades digitais, por meio das quais haveria uma facilitação na troca de conteúdos e aprendizados. Essa composição também ficaria, inicialmente, a cargo dos professores, que, avalia ela, deveriam fomentar esse movimento. Os dados compilados no relatório revelam que somente 15,6% dos professores da rede pública e 27,3% da rede privada dizem se sentir preparados para participar de comunidades virtuais de aprendizagem ou promovê-las. Além disso, apenas 18,2% dos docentes da rede pública e 32,5% da rede privada se sentem preparados para vivenciar uma experiência como essa.

Convidada do seminário de apresentação do relatório, a diretora-presidente do Centro de Inovação para Educação Brasileira (Cieb), Lucia Dellagnelo, afirma que o investimento para que as escolas disponham de tecnologia deve ser homogeneamente distribuído. Para ela, a tecnologia deve estar a serviço da justiça social. "Hoje, a tecnologia ainda não tá sendo usada para diminuir essa desigualdade", defende.

A diretora-geral pedagógica do Colégio Dante Alighieri, Valdenice Minatel, um dos mais tradicionais da capital paulista, acrescenta que é fundamental entender como o estudante percebe a cultura digital. Segundo ela, "a escola, por receio de se pôr à prova, não está perguntando" quais as necessidades dos alunos. "Muita coisa está acontecendo fora da escola."